

A IMPORTAÇÃO DE ROMANCES BRASILEIROS NA FRANÇA NO FINAL DO SÉCULO XIX: REFLEXÕES SOBRE TRADUÇÃO E TRANSFERÊNCIAS CULTURAIS

Ilana HEINEBERG¹

Resumo

A partir de uma pesquisa sobre a tradução de romances brasileiros na França na virada do século XIX para o XX, queremos discutir as possibilidades metodológicas para compreender a circulação desses textos. Depois de uma breve exposição do projeto, propomos revelar os bastidores da pesquisa, comentando descobertas, mas também questionamentos acerca das perspectivasteóricas adotadas. Finalmente, apresentaremos alguns resultados que começam a emergir, como a importância dos suportes de publicação, do contexto histórico e da relação entre as traduções e as ideias que dominaram o período em questão, como a latinidade e o cosmopolitismo.

Palavras-chaves: tradução, transferências culturais, teoria, romance brasileiro, França

Abstract

Based on our research about the translation of Brazilian novel's in France at the turn from 19th to 20th century, we aim to discuss the methodological possibilities to understand those texts' circulation. After a brief presentation of our project, we propose to show the backstory of the research by commenting some discoveries. We will also put forward various questions about theoretical perspectives. Finally, we will provide some conclusions highlights, such as the importance of the material supports and the historicity and the relationship between the translation and some ideologies from this period, like Latinity and cosmopolitanism.

Key words: translation, cultural transfers, theory, Brazilian novel, France

As reflexões que faremos sobre tradução e transferências culturais partem de uma pesquisa individual realizada no âmbito de um projeto coletivo de cooperação internacional intitulado *A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*, coordenado por Márcia Abreu (Unicamp) e Jean-Yves Mollier (Université de Saint-Quentin-en-Yvelines). Este projeto conta com 48 pesquisadores, oriundos de 24 instituições de pesquisa de cinco países (Inglaterra, França, Portugal, Brasil e Estados Unidos) que, juntos, querem conhecer melhor os impressos e as ideias que circularam entre Brasil, Inglaterra, França e Portugal entre 1789 e 1914, recorte temporal que o historiador Eric Hobsbawm identificou como o “longo século XIX” (HOBSBAWM, 1988). Os objetivos comuns são de identificar e analisar as práticas culturais próprias à circulação em escala

¹ Professora de Literatura brasileira na Université Bordeaux-Montaigne/França.

transnacional, focalizando-se, sobretudo, na observação de escritos e na atuação do que se convencionou chamar *depasseurs*, ou seja, tradutores, livreiros, editores e censores.

A pesquisa individual iniciada em 2011 dentro deste projeto intitula-se: “Traduções da literatura brasileira na França: da construção do imaginário às transferências culturais”. A partir de um levantamento de narrativas brasileiras traduzidas e de narrativas ambientadas no Brasil publicadas em francês, almejava alcançar os seguintes objetivos: 1) determinar o papel dos tradutores na importação da literatura brasileira: em que medida atuavam na indicação do autor, na escolha do texto, na busca de um veículo de publicação? Contribuíam para a difusão do autor e da obra? 2) conhecer melhor o processo de importação da literatura brasileira na França ao longo do século XIX: caminhos pelos quais passaram e suportes utilizados, relação tradutor/editores, estratégias linguísticas de transposição. 3) identificar e analisar os *topoi* comuns à literatura francesa ambientada no Brasil e brasileira traduzida na França e entender os mecanismos de transposição entre literatura francesa e tradução de autores brasileiros.

O material obtido revelou-se mais extenso do que estimado num levantamento prévio, levando-nos a tomar algumas decisões de ordem prática. Em primeiro lugar, o corpus foi delimitado aos romances brasileiros (e não narrativas em geral), com foco nas traduções da tríade incontornável formada por José de Alencar, visconde de Taunay e Machado de Assis. Esses três autores foram publicados nas duas últimas décadas do século XIX, a única exceção foi uma tradução do *Guarani*, de Alencar, publicada em folhetins num jornal em 1863. Desse modo, a limitação do corpus permitiu também que o recorte temporal se tornasse mais conciso: entre 1863 e 1914.

A seguir, o extenso corpus de romances franceses ambientados no Brasil foi reduzido, sendo utilizados apenas romances que tivessem uma ligação direta com uma tradução. Foi o caso da confrontação das traduções de *Várias histórias* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, com os romances ambientados no Brasil de Adrien Delpech, tradutor de Machado. Finalmente, priorizou-se as traduções publicadas em folhetins, menos estudados e provavelmente lidas por um público mais amplo quando as traduções em livro já tivessem sido estudadas (penso principalmente em TORRES, 2004). Devido à descoberta de traduções no circuito dos folhetins, é preciso mencionar também a importância que ganhou o cotejo entre tradução, republicações e/ou retraduições de um mesmo texto, sobretudo em caso de mudanças de suportes.

Resolvidas as questões de ordem prática, faltava ajustar questões teóricas e metodológicas. Como o próprio título do projeto individual já indicava, era preciso definir as transferências culturais bem como encontrar um método para analisá-las através desse corpus de traduções. Dentro do grupo do projeto temático, para que diferentes abordagens pudessem coexistir, optou-se por priorizar o termo *circulação*, conciliando-se diversas perspectivas.

A primeira delas define as transferências culturais a partir da ótica de Michel Espagne Michael Werner, ou seja, como fenômeno de trocas culturais ocorrendo numa via de mão dupla e comportando fenômenos de apropriações, deslocamentos e hibridações, cujos mecanismos deveriam ser compreendidos, descritos e analisados. O objeto abre-se para o movimento de ideias, conceitos, palavras, pessoas, populações. Os estudos de transferências culturais buscam demarcar-se do comparatismo, principalmente no que diz respeito à categoria tão ultrapassada de influência bem como a de uma visão essencialista das nações. Ou seja, na perspectiva das transferências culturais, a transposição de um objeto cultural pressupõe apropriação e emancipação do modelo e o resultado obtido na cultura de chegada possui tanta legitimidade quanto o original (ESPAGNE, 2012, p. 12). Quanto às

configurações nacionais, Espagne e Werner consideram-nas como narrativas nacionais legitimadoras, defendendo, por exemplo, que a “própria definição de uma literatura nacional não é possível sem o recurso permanente a elementos de culturas estrangeiras” (ESPAGNE e WERNER, 1994, p. 7, tradução nossa²).

É importante ressaltar que os próprios Espagne e Werner evoluíram desde que começaram a trabalhar com a noção de transferência cultural na década de 1980 (cf. ESPAGNE e WERNER, 1987 e 1988). Michel Espagne manteve a denominação do seu objeto de estudo e revisou-o, como fica claro no artigo *La notion de transfert culturel* (ESPAGNE, 2012). Werner passou a utilizar o termo “histoire croisée”, história cruzada, a partir da metáfora do cruzamento e do ponto intersticial formado pela disposição em cruz (cf. WERNER e ZIMMERMANN, 2003). A história cruzada, enquanto metaconceito, apresenta uma preocupação com a sua própria historicidade e com a relação do historiador com o objeto, o que faz dela uma prática altamente autorreflexiva. Ou seja, a história cruzada cria um espaço e ferramentas para refletir sobre a atualidade de questões que nos interessam nesse momento –como a globalização da cultura (precoce ou não), envolvendo trocas culturais entre países, circulação de pessoas e ideias –que, certamente, têm muito a ver com o próprio mundo atual e com a realidade dos pesquisadores.

É preciso reconhecer que, embora o aparato teórico-crítico das transferências culturais constitua uma reação a posições um tanto conservadoras da literatura comparada, esta última disciplina também tem se atualizado e procurado englobar diversas perspectivas, levando em consideração, por exemplo, a crescente valorização dos estudos de tradução. Um exemplo disso é o primeiro tomo de *Histoire des traductions en langue française* (CHEVREL, D’HULST e LOMBEZ, 2011). Organizado por comparatistas, aborda as traduções por teorias, práticas, gêneros e subgêneros literários e não-literários, propõe recortes históricos, estudos bibliométricos e por idiomas. Vale observar que a língua portuguesa é relegada a um anexo do espanhol, e a literatura brasileira não chega a ser mencionada.

Pode-se abordar também as transferências culturais a partir do prisma pós-colonial, concentrando-se, portanto, nos processos de dominação cultural, a partir de conceitos como transculturação, hibridação, mestiçagem, antropofagia cultural. Como notou Espagne, as transferências culturais poderiam incluir parte das abordagens pós-coloniais, mas não poderiam reduzir-se a elas (ESPAGNE, 2012, p. 6). No projeto *A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX*, há pesquisadores estudando as transferências do Brasil com a Europa, principalmente Inglaterra, Portugal e França, nas quais muitas trocas ocorrem de maneira triangular. Buscamos evidenciar que não é apenas a Europa que se exporta culturalmente, mas que as trocas ocorrem nos dois sentidos. Quando falamos da presença francesa ou inglesa no Brasil, por exemplo, buscamos destacar as apropriações.

Outra contribuição importante nos estudos de transferências culturais vem da sociologia, permanecendo compatível com a noção desenvolvida por Espagne e Werner. A análise focaliza-se na cultura alvo, afinal, como demonstra Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2002), as operações sociais que envolvem a seleção, a tradução, a edição (prefácio, coleção, notas) e inclusive a leitura são realizadas em função da cultura de chegada, a cultura que traduz. Bourdieu lembra que as obras “circulam sem o seu contexto” e este é dificilmente restituído. As obras são, portanto, “anexadas” e “apropriadas” pela cultura alvo. Um

² “la définition même de ce qu’est une littérature nationale n’est guère possible sans le recours permanent à des éléments de cultures étrangères.”

exemplo de trabalho que segue a linha de Bourdieu é *La République mondiale des lettres*, de Pascale Casanova, que busca descrever as lutas internas pela hegemonia dentro do espaço literário mundial. Nesse contexto, a tradução seria uma das formas de lutar por mais projeção dentro da geopolítica literária. A tradução, segundo Casanova, é um “instrumento de geometria variável” (CASANOVA, 2008, p. 199), em função da importância das línguas e das culturas envolvidas e do sentido em que a tradução ocorre. Ou seja, a tradução de uma língua periférica para uma língua central e vice-versa não são vistas da mesma forma pela língua tradutora e pela traduzida. A crítica que se poderia fazer à abordagem de Casanova é que ela cristaliza o que chama de “línguas centrais” e “periféricas” em seus respectivos papéis de dominante e dominada, contrariando, desse modo, a ideia de que as trocas culturais são uma via de mão dupla.

Nas ações do grupo, valorizou-se justamente um vocabulário neutro, em que todas as tendências pudessem coexistir e se completar. Os títulos dos últimos colóquios ilustram essa abertura: *Conexões* (2012, São Paulo), *Leituras cruzadas* (2013, Saint-Quentin-en-Yvelines e Paris), *Travessias* (2014, São Paulo).

O interesse particular pelas transferências leste-oeste no estudo das traduções, ou seja, do Brasil para a Europa, evidencia a valorização do sentido menos visível do fluxo de impressos e ideias no século XIX, considerando, sobretudo, os inúmeros estudos já existentes sobre a presença francesa no Brasil. O fato de que essas trocas também tenham passado por uma transferência lingüística do português para o francês reforça a ideia de que o interesse pelo Brasil e por sua literatura circulava não apenas em meios de imigrantes brasileiros, turistas, estudantes ou especialistas, mas que havia um interesse por um público mais amplo que não era capaz de ler em português e provavelmente também não conhecia a cultura brasileira. Para valorizar esse ponto de vista voluntariamente colocado na França, focalizo-me na noção de importação, já empregada por Pierre Bourdieu (2002) devido a seu caráter econômico e por Blaise Wilfert-Portal para enfatizar a “identidade social” dos tradutores (WILFERT-PORTAL, 2002, p. 34) e por ambos pela conotação um tanto desiludida da palavra. Importar uma mercadoria estrangeira significa fazer um certo esforço para trazê-la, resolver burocracias, divulgá-la e também ultrapassar algumas barreiras – alfandegárias, quando se trata de comércio internacional, barreiras culturais, no caso das traduções sobretudo na época em questão.

A virada do século XIX para o século XX, justamente o momento em que Alencar, Taunay e Machado foram traduzidos na França, revelou-se particularmente interessante para estudar a transposição de fronteiras nacionais e linguísticas, já que a sociedade francesa polarizava-se entre o internacionalismo e uma forte nacionalização da vida intelectual (com Maurice Barrès, Charles Maurras). Mas não seriam esses os dois lados de uma mesma moeda? Blaise Wilfert-Portal mostra que importar romances estrangeiros foi uma forma de “erguer as fronteiras nacionais” (2007, p. 232). Afinal, traduzir textos naturalizando-os, adaptando-os ao francês era simplesmente uma forma de nacionalizá-los ou utilizar outros nacionalismos como modelo para o francês.

No caso das traduções brasileiras, a fraternidade latina serviu de argumento para Xavier de Ricard traduzir Alencar. Como o tradutor explica em 1902, no prefácio a *Le Fils du soleil (O Guarani)*, a latinidade aparece fusionada com as origens indígenas, o que não deixa dúvida sobre a complementaridade de dois argumentos, aparentemente antagônicos: o

exotismo e o já citado latinismo³. O mesmo ocorreu com Machado de Assis. O tradutor Adrien Delpech destaca o “gênio latino” de Machado, mas não deixa de lamentar a falta de cor local do autor de *Várias histórias* (DELPECH, 1910, p. XIV). Curioso é que Delpech busca reavivar as cores tropicais, através da escrita dos seus próprios romances, cujos títulos e subtítulos são quase sempre explícitos sobre a maneira de representar o Brasil: *Roman brésilien, moeurs exotiques* (1904), *Petropolis, pages exotiques* (1913) e *L’Idole* (1930). Em uma nota à tradução de *Quelques contes (Várias histórias)*, Delpech chega a copiar uma passagem de dezenas de linhas de seu *Roman brésilien*, para explicar o significado dos termos “um bando de capoeiras”, que opta deixar em português (ASSIS, 1910, p. 116-117). Esses exemplos que revelam a copresença dos argumentos da latinidade e do exotismo, ajudam-nos a medir a importância de situar as ideias que circulam na época e a necessidade de levá-las em conta na análise das traduções. A confrontação sistemática do discurso do tradutor com a verbalização da tradução evita que esta seja sistematicamente interpretada como prática etnocêntrica. Afinal, o nacionalismo sem complexos era mesmo inerente à época, sobretudo na Europa.

Os discursos do tradutor sobre sua própria tradução também permitem historicizar o trabalho de transposição linguística em relação às teorias de tradução da época. Como mostra o primeiro capítulo de *Histoire des traductions en langue française*, “Théories”, essas evoluíram e coexistiram ao longo do século XIX: 1) as “*belles infidèles*” (belas infiéis) do início do século, que priorizavam a adaptação do texto ao gosto francês 2) a tradição universitária da “*version*” que se queria uma “transusão” (metáfora médica) de uma língua para outra, ou seja, era tarefa exclusiva para especialistas, exigindo sobretudo um conhecimento da língua de partida 3) concepção mais libertadora herdada do romantismo em que inclusive se aceitava a tradução palavra por palavra. Um estudo dessas correntes leva-nos a nos perguntar: e os tradutores de autores brasileiros, como eles se comportaram? Estavam a par das discussões teóricas da época? Ou não produziram reflexão alguma sobre seu trabalho? Enfim, como a concepção da tradução interfere na verbalização do texto? Um exemplo flagrante da importância de historicizar a tradução e suas teorias: Adrien Delpech cita em seu prefácio a *Quelques contes* a famosa tradução de *Paraíso perdido*, de Milton, feita por Chateaubriand:

Eu traduzi Machado de Assis, ou seja, superpus à sua mentalidade outra mentalidade cuidadosa e que busca o máximo de sintonia com a dele. Esse é o papel fatal de qualquer tradutor, mesmo que tentasse fazer uma tradução justalinear, criando inúmeros neologismos, como Chateaubriand em sua tradução de *Paraíso perdido*. Através Milton, ainda encontramos Chateaubriand (DELPECH, 1910, p. XXVII, tradução nossa⁴).

³Os conceitos de latinidade, fraternidade latina, latinismo e inclusive a extensão deste último para panlatinismo conhecem uma evolução no tempo e em função dos grupos que se apropriaram, demonstrando uma grande plasticidade. Trata-se, do ponto de vista geopolítico, de uma reação à emergência de outras ideologias, como o pangermanismo e o pan-eslavismo depois da derrota da França na guerra franco-prussiana (1870). Do ponto de vista civilizacional, a latinidade funda-se na proximidade linguística pela origem latina comum. Na virada do século XIX para o XX, a latinidade foi a tópica dominante nas relações entre o Brasil e a França, esta se colocando como uma espécie de irmã mais velha das repúblicas latinas (Cf. RIVAS, 2005 e CAMPOS, 2004).

⁴“J’ai traduit Machado de Assis, c’est-à-dire que j’ai superposé à sa mentalité une autre mentalité bienveillante et aussi harmonique que possible avec la sienne. Et c’est le rôle fatal de tout traducteur, essayât-il de faire une traduction juxtalinéaire, en créant même de néologismes à tout bout de champ, comme Chateaubriand dans sa traduction de *Paradis perdu*. À travers Milton, on retrouve encore Chateaubriand.”

Ora, a tradução de Chateaubriand marcou uma virada da tradição das “*belles infidèles*” para uma concepção da tradução mais condizente com o romantismo, em que se valorizava o texto de partida, priorizando a literalidade capaz de preservar a obscuridade do texto e a polissemia das palavras em sua língua original. Ao afirmar que mesmo um tradutor partidário da tradução calcada na língua de partida, como era o caso de Chateaubriand, deixa, inevitavelmente, sua marca pessoal no texto traduzido, Adrien Delpech assume, na realidade, que a tradução oferecida por ele nada mais é que sua própria leitura de Machado de Assis. Afinal, para Delpech, as definições de tradução e interpretação se confundem, como mostra a citação que faz a seguir de um fragmento de *Le Lys rouge*, de Anatole France, em que o personagem escritor Paul Vence queixa-se das leituras feitas de sua obra, comparando-as a más traduções: “Há talvez belas traduções, mas fiéis, não há... Cada leitor substitui nossas visões pelas suas... [...] O que o leitor faz de um texto meu? Uma acumulação de equívocos, contrassensos e de frases sem sentido (Anatole France, *Le Lys rouge*, citado por DELPECH, 1910, p. XXVII-XVIII, tradução nossa⁵).”

Do mesmo modo, a análise das estratégias de tradução podem revelar visões deformadas da tradução na época. Taunay, em suas *Memórias*, crítica o segundo tradutor de *Innocencia*, Olivier du Chastel, que chama de “bárbaro”: “Prevejo e receio enormes balbúrdias, interpretações extravagantes, ridículas, impossíveis” (TAUNAY, 2004, p. 219). Em contrapartida, elogia a tradução do pai mesmo sem ter lido nenhuma das duas. No entanto, o cotejo de longas passagens descritivas ou de “itens culturais específicos” (AIXELA, 2013) revela que tanto Félix Taunay quanto Olivier du Chastel efetuaram cortes em passagens descritivas e eliminaram o sotaque regional, preferindo uma elevação do registro linguístico.

É imprescindível abordar o papel determinante dos suportes na importação da literatura brasileira na França. Como mostra Roger Chartier, a materialidade do texto muda a forma como o leitor se apropria dele: “um “mesmo” texto deixa de ser o mesmo quando se modifica o suporte de sua inscrição, portanto, mudam também as maneiras de o ler e o sentido que seus novos leitores lhe atribuem (CHARTIER, 2009, tradução nossa⁶).” O suporte do jornal foi utilizado tanto para a primeira publicação do *Guarani* quanto de *Innocencia* em francês. Ambos foram republicados posteriormente, com modificações, em livros, indicando que a pré-publicação em folhetins era uma forma de testar o livro com menos custos. Ou seja, as traduções eram feitas numa lógica totalmente econômica. Sabemos que as práticas de leitura diferem profundamente entre o folhetim e o livro. No rodapé do jornal, a leitura é muitas vezes coletiva, comentada em voz alta, interrompida e feita alternadamente com a parte noticiosa, ao passo que a leitura de um livro, em geral, individualizada e silenciosa, permite maior concentração.

A essas diferenças ainda devemos acrescentar os paratextos que guiam a leitura. *O Guarani*, traduzido como *Les Aventuriers* (1885 e 1899) e *Le Fils du soleil* (1902), perde, na França, o aspecto nacionalista que foi ganhando ao longo dos anos no Brasil para se tornar “um romance de aventuras”, “pitoresco”, “dramático”, de “ações patéticas”, para retomar as palavras empregadas no anúncio do jornal *Les Droits de l’homme*. A reimpressão na coleção

⁵ “Il y a des belles traductions, peut-être, il n’y a pas de fidèles... Chaque lecteur substitue ses visions aux notes... [...] Qu’est-ce qu’il en fait, le lecteur de ma page d’écriture ? Une suite de faux sens, de contresens et de non-sens.”

⁶ “un “même” texte n’est plus le même lorsque change le support de son inscription, donc, également, les manières de le lire et le sens que lui attribuent ses nouveaux lecteurs.”

“Bibliothèque des Grandes Aventures”, da editora de livros populares Tallandier, apenas reforçou esse aspecto.

Já *Innocencia*, publicado com destaque pelo modesto semanário transatlântico parisiense *Courrier International* em 1883 foi retraduzido, doze anos depois, pelo *Temps*, um dos grandes jornais da Terceira República (1870-1940), reputado por sua internacionalização e sua seriedade. O folhetim constituía a parte menos sisuda do *Temps*, e, segundo o editorial da primeira edição, também se abria ao exterior: “buscaremos inclusive parte dos nossos romances-folhetins fora das nossas fronteiras (*Le Temps*, 25/04/1861, tradução nossa⁷)”. As duas reimpressões em livros (Chailley e Jouve) da tradução publicada no *Temps* confirmam a prática de republicar em livros os folhetins testados antes nesse grande jornal. Traduzido para um público popular, o romance de Taunay perdeu seu aspecto regionalista, sofreu alguns cortes e passou a ser destacado como “romance brasileiro”, ao passo que, no Brasil, nós o conhecemos como “romance campestre”. Ou seja, a particularidade da tradução é que ela tende a acompanhar o suporte inclusive na verbalização propriamente dita. Dar um lugar de destaque às traduções publicadas em folhetins de grandes jornais como *Le Temps* ou em modestos semanários permite, finalmente, dar uma nova dimensão às transferências culturais do Brasil para França no século XIX.

Se o interesse pela nova nação latino-americana animou as plumas de escritores franceses em narrativas exóticas, como vimos com os romances do próprio tradutor de Machado de Assis, um estudo focalizado nas traduções nos mostra que também houve espaço para traduzir os autores brasileiros. Resta-nos resgatá-los. Menos visíveis para pesquisadores contemporâneos, por se encontrarem em rodapés de periódicos, muitas vezes efêmeros e desconhecidos, não era essa a realidade da leitura no século XIX. Semanários transatlânticos, jornais de imigrantes, periódicos de propaganda oficiosa e grandes jornais diários fatiaram romances brasileiros para oferecerem-nos aos seus leitores. As reimpressões em livro, mais visíveis e conhecidas, só vêm a confirmar uma prática de leitura muito mais popular.

REFERÊNCIAS

AIXELA, Javier Franco. “Itens Culturais-Específicos em Tradução”, In: *In-Traduções*, Florianópolis, vol. 5, n° 8, p.185-218, jan./jun., 2013.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quelques contes*, traduzido e prefaciado por Adrien Delpech, Paris, Garnier, 1910.

BOURDIEU, Pierre. “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées”. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 145, pp. 3-8, 2002.

CAMPOS, Regina Salgado. “A Latinidade na América Latina: Anatole France e Paul Adam”. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Do Positivismo à Deconstrução*, São Paulo, Edusp, 2004.

CASANOVA, Pascale. *La République mondiale des lettres*, Paris, Seuil, 2008.

⁷ “nous irons même chercher une partie de nos romans-feuilletons hors de nos frontières”

CHARTIER, Roger. “L’avenir numérique du livre”, *Le Monde*, 26/10/2009. Disponível em: http://www.lemonde.fr/idees/article/2009/10/26/l-avenir-numerique-du-livre-par-roger-chartier_1258883_3232.html [consultado em 20/02/2015].

CHEVREL, Yves, D’HULST, Lieven e LOMBEZ, Christine (dir). *Histoire des traductions en langue française*, Paris, Verdier, 2011.

DELPECH, Adrien. “Préface”. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quelques contes*, Paris, Garnier, 1910.

ESPAGNE, Michel. “La notion de transfert culturel”. In: *Revue Sciences/Lettres*, 1/2013, URL: <http://rsl.revues.org/219> [Consultado em 6/3/2015]

ESPAGNE Michel e WERNER Michael. “La construction d’une référence culturelle allemande en France, genèse et histoire”. In: *Annales : Économies, Sociétés, Civilisations*, vol.42, n°4, pp. 969-992, 1987.

ESPAGNE Michel e WERNER Michael (dir.). *Transferts. Les relations interculturelles dans l’espace franco-allemand (XVIII^e-XIX^e siècles)*, Paris, Éd. Recherche sur les civilisations, 1988.

ESPAGNE, Michel e WERNER, Michael (org.). *Philologiques III. Qu’est-ce qu’une littérature nationale? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*, Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1994.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos impérios (1875-1914)*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

RIVAS, Pierre. *Diálogos interculturais*, São Paulo, Hucitec, 2005.

TAUNAY, Visconde de [edição de Sérgio Medeiros]. *Memórias*, São Paulo, Iluminuras, 2004.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Variations sur l’étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*, Arras, Artois Presse Université, 2004.

WERNER, Michael et ZIMMERMANN, Bénédicte. “Penser l’histoire croisée: entre empirie et réflexivité”, *Annales: Histoire, Sciences Sociales*, 58^o ano, 2003/1, , p. 7-36.

URL: www.cairn.info/revue-Annales-2003-1-page-7.htm. [Consultado em 4/3/2015]

WILFERT-PORTAL, Blaise. “Cosmopolis et l’homme invisible: les importateurs de littérature étrangère en France”, 1885-1914. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 144, 2002/4.

WILFERT-PORTAL, Blaise. “Des traducteurs bâtisseurs de frontières. Traduction et nationalisme culturel en France, 1880-1930”. In: LOMBEZ, Christine et VON KULESSA, Rotraud. *De la traduction et des transferts culturels*, Paris, L’Harmattan, 2007.

RECEBIDO EM 12-03-2015
APROVADO EM 26-03-2015